



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i2.1591>



Gestos e prosódias sertanejas: uma jornada feminina e vespertina em Batalha (AL)

Lígia de Moura Borges*

ORCID ID: 0000-0002-0299-5377

Instituto Federal de Alagoas, Batalha, Brasil

Resumo: O artigo parte de uma experiência dentro do Programa Mulheres Mil, desenvolvido pelo Ministério da Educação e dirigido sobretudo para mulheres em situação de vulnerabilidade. No recorte abordado, na cidade de Batalha, no sertão alagoano, a perspectiva se volta para o desenvolvimento da disciplina “Oratória: expressão corporal e vocal” dentro de uma formação de produtoras de derivados de leite. Acepções estigmatizadas do território são contrapostas pelos gestos, prosódias, discursos que se desenvolveram ao longo da formação, que buscou encarar os dilemas, sobretudo mercantis, das acepções empreendedoras que a atravessaram. A infiltração de uma presença que veio de um território distante (Sudeste) e de formação ligada aos estudos performativos tensiona o campo da oratória. O entardecer ganha foco, tanto na sua literalidade, já que nesse período a formação se desenvolveu, e enquanto metáfora das desconstruções contingenciadas em analogia à gradual perda de luz.

Palavras-chave: Programa Mulheres Mil; oratória; sertão nordestino.

Gestures and prosodies from brazilian “sertão”: a feminine and afternoon Journey in Batalha - AL

Abstract: The article is based on an experience within the Thousand Women Program, developed by the Ministry of Education and aimed mainly at women in vulnerable situations. In the context covered, in the city of Batalha, in the semi-arid region in the northeast Brazil called “Sertão”, in the state of Alagoas, the perspective focuses on the development of the discipline “Oratory: body and vocal expression” within a training program for dairy producers. Stigmatized meanings of the territory are contrasted by the gestures, prosodies, and discourses that developed throughout the training, which sought to face the dilemmas, especially commercial ones, of the entrepreneurial meanings that crossed it. The infiltration of a presence that came from a distant territory (Southeast) and the training linked to performative studies put tension in the field of oratory. The sunset gains focus, both in its literal meaning, since the course was developed during this period, and as a metaphor for the deconstructions contingent on analogy to the gradual loss of light.

* Doutora em Pedagogia Teatral na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora de Artes no Instituto Federal de Alagoas (IFAL). E-mail: ligia.borges@ifal.edu.br.

Keywords: Thousand Women Program; oratory; brazilian “Sertão” (backlands).

*Cai cai tanaajura
Na panela de gordura¹*

*O sertão imaginário, circunscrito em símbolos e subjetividades
narrados na literatura, leva a indagar: onde estão as mulheres
do sertão?*

(Souza, 2019, p. 190)

Amanhecer

Em janeiro de 2024 realizei uma jornada radical de transformação. Coloquei tudo o que pude dentro do carro e parti para uma travessia da metrópole de São Paulo rumo ao sertão alagoano, a cidade de Batalha. A travessia de regiões, biomas e sonhos veio através do resultado afirmativo de um concurso prestado para ser professora de Artes no Instituto Federal de Alagoas (IFAL). A partir daí, a promessa de uma vida mais estável para uma artista e professora até então errante, mãe solo em busca de perspectivas e campo para desenvolvimento de pesquisas, que até então aconteciam quase sem financiamento. O que então se desenhava como um território mítico, o sertão, tornou-se campo de trabalho, diante sobretudo de adolescentes, alunos do ensino médio integrado ao técnico no campus da cidade de Batalha. Via de mão dupla cheia de interrogações a decifrar identidades, a verificar o que um indivíduo pode sustentar daquilo que se imagina de um território. Eu mantenho minhas dúvidas dirigidas aos seres e paisagens, confrontando identidades, imagens e possíveis estigmas, estereótipos. Alunos já me trouxeram questões como: você é da Índia? O que te trouxe até aqui? Esforço-me para decifrar-me, em composição e dissolução, no novo território, enquanto dirijo esforço análogo à decifração de corpos, olhares, gestos, paisagens, estruturas e refaço o trajeto entre Sudeste e Nordeste, planto licença de pertencimento.

Dada a introdução de um dos contextos que cercam o recorte que será abordado, pulo para o mês de setembro do mesmo ano, quando foi implementado no campus o programa do Ministério da Educação “Mulheres Mil” com o curso: “Produtora de derivados de leite”. Segundo o próprio texto do site oficial, alguns dados do programa:

1 Famosa parlenda sertaneja, presente em cantigas e brincadeiras, trazida por Viviane Pereira da Silva, participante do programa.

O Programa Mulheres Mil foi criado com a finalidade de unir a educação ao trabalho, abrangendo a população feminina em busca de oportunidades de acesso às ações educacionais, a elevação da escolaridade e à inclusão e permanência no mundo do trabalho, tendo como ponto central a identificação, o reconhecimento e a valorização da diversidade e dos saberes acumulados em cada uma de suas etapas de vida. [...]

O objetivo do Programa Mulheres Mil é enfrentar as desigualdades de gênero ao atender mulheres a partir de 16 anos, prioritariamente, em situação de vulnerabilidade social e econômica em contexto de pobreza e extrema pobreza; baixo grau de escolarização; mulheres que são responsáveis ‘sozinhas’ pelos cuidados no ambiente familiar; vítimas de violência doméstica. Observam-se desigualdades nas dimensões regionais e territoriais, tais como: classe, raça, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, geracional, de pessoas com deficiência, e outras (Brasil, 2024).

Diante do contexto apresentado, minha situação, mesmo tendo enfrentado diversas dificuldades da maternidade solo, é de imenso privilégio. Ainda assim, creio que as adversidades pessoais compuseram um campo de sensibilidade e escuta que convergiu para a busca de alguns espaços entre mulheres ao longo da minha trajetória profissional. Dessa forma, conduzi diversas oficinas, a maioria delas de contação de histórias, que tem sido o meu campo de atuação e pesquisa mais intenso. Com ou sem a intenção deliberada, várias dessas oficinas aconteceram sobretudo entre mulheres. Pesquiso e me entrego para as ressonâncias femininas, descubro possibilidades de pertencimento, de desatamento de nós, de composição de gestos, sopros, vozes, ritmos capazes de tecer histórias.

A possibilidade da implementação do programa no nosso *campus* foi, portanto, campo largo para prosseguir a pesquisa que, junto com a primavera e sua promessa de mandacaru, graviola e umbu-cajá, floresceu no sertão alagoano. A mim, coube ser responsável pela disciplina “Oratória: expressão corporal e verbal”. O nome, cheio de pompa, instigou-me junto a alguma desconfiança. Há muito que minha prática de contadora de histórias, me aproximou de estudos poéticos, políticos, históricos ligados à oralidade. Isso sugeria alguma aproximação. Minha prática, no entanto, carrega vários contornos de abraço à vulnerabilidade, que pode sustentar alguma dramaticidade e desconstruí-la, revelo-me, por vezes, palhaça, desajeitada, cambaleante e ainda assim atenta aos contornos de vocalidade que sustentam uma história em performance.

Cheguei ao primeiro dia de aula verificando traços de farsante diante da disciplina que nunca havia ministrado, em um sobrevoos épico da minha consciência, ciente dos subterfúgios das performances. Meu processo formativo de artes cênicas foi intensamente dirigido a essa composição performativa e eu estava ali diante de mulheres que com suas presenças já revelavam tanta diversidade, descobrindo que gestos, discursos, práticas, vocalidades desenhariam uma formação na disciplina sinalizada.

Decifro traços da inclusão da disciplina em uma formação técnica voltada

para produção de derivados de leite. O contexto empreendedor que cerca a formação e expectativas que a disciplina poderia suscitar: uma eloquência no trato comercial, gestos assertivos voltados ao domínio de todas as etapas de produção. Eu, ali diante, acompanhada da minha vulnerabilidade, dos meus gestos habitados à comunicação com grandes e pequenas plateias a navegar por personagens e narrativas ensinando oratória. A palhaça que me acompanha permitiria tal empreitada? Assumi diante da turma uma perspectiva dirigida à criticidade: o desmascaro de promessas tão presentes nas mídias de moldar pessoas para o mercado. Fato esse que vem sendo desvendo por estudiosos da composição e difusão da chamada “fala pública”, campo próprio da oratória.

Com efeito, para nós, que nos tornamos espectadores muito frequentemente passivos ante o espetáculo político contemporâneo, as tecnologias de produção e difusão da fala e da imagem que desde então reinam sobre a representação política tendem a fazer tábula rasa da totalidade da história dos diferentes fatores e processos que as antecedem (Courtine; Piovezani, 2015, p. 9).

Na mesma obra, onde se encontra a citação acima e os poderes do discurso são desvendados em contextos diversos, Souza (2015) se dedica ao estudo da retórica no Brasil. Verifica a forma como, no antigo sistema colonial e mesmo anos depois da independência, a disciplina ganhou destaque e prestígio. No final do século XIX, no entanto, o campo começou a ser questionado, entrou em declínio e passou a ser bastante criticado e ironizado por autores diversos da literatura. Souza transpôs alguns exemplos, “tirados da ficção de Aluísio de Azevedo e Machado de Assis [em que] a teoria e as práticas retóricas são objetos de caricatura e rejeição” (Souza, 2015, p. 195). Ao expor essa trajetória, o autor finaliza o texto com um subtítulo que aponta vertentes presentes na disciplina, fio da navalha percorrido entre equilíbrios e desequilíbrios: “Triunfo do natural, ou confirmação inevitável do artifício?” (Souza, 2015, p. 196). A interrogação sintetiza e traduz parte substancial das construções e desconstruções abordadas neste artigo, em que inscrevo a metáfora do “triumfo do natural” como o Sol do meio-dia e o entardecer como a “confirmação inevitável do artifício”.

Diante dessa e de outras dúvidas e paradoxos que perpassaram o percurso da disciplina presentes no campo da oratória, exponho um eixo que cercou afirmativamente a jornada empreendida e, portanto, a argumentação aqui presente: o vetor de pertencimento, de credibilização da própria história, como forma de encontrar um bom lugar para habitar o próprio corpo. Ele é encarado na sua amplitude, enquanto morada do gesto, do olhar, da voz, da consciência. Dados os riscos da amplitude genérica, também já devoradas comercialmente em vertentes diversas, desvendarei práticas e decisões que caminharam junto aos temas debatidos, verificando intersecções possíveis entre jogos teatrais, narrativos e a oratória.

No processo, constituíram-se duas turmas. Cada uma delas com aproximadamente

30 participantes e 4 encontros de 2 horas cada voltadas para a disciplina, sempre no período vespertino. Logo no primeiro dia me observei com uma dose extra de atenção à minha atitude corporal, como que resvalando infiltrações de uma palhaça nos campos das comunicações assertivas. Meus gestos transmitiam segurança? Em tempos de mídias sociais, multiplicam-se vídeos com todo o aparato pré-fabricado que ensinam eloquência. A maioria realizado dentro de cenários preparados, corpos padronizados. Enquanto entardecia no sertão, eu lidava com uma rede de expectativas, partindo das minhas próprias, em uma sala cheia de corpos que confrontavam padrões, denunciavam carências, peles cozidas pelo sol. Uma portava um bebê, outras sono, muitas, curiosidade. Fui para um solo seguro e narrei uma história: “Uma fábula sobre a fábula”.² Nela, a “Verdade”, humanizada, deseja entrar no palácio do rei, com vestes transparentes, animando, assim, sua face “nua e crua”. O rei a impede e ela se veste de “acusação”, com vestes grosseiras, sendo novamente impedida. Ao vestir a “fábula” com vestes extraordinárias, ela é recebida com festa. Desvendei junto a elas metáforas possíveis para vestirmos a palavra com vestes fabulosas ao entrar no palácio do rei, que no caso de nosso curso foi encarado também metaforicamente, como a imaginação do interlocutor. Já nesse início constatei muitos olhares atentos, alguns dispersos e, ainda assim, pouca interlocução. Perguntas sem respostas. Todas foram convidadas a se aproximarem do exercício da oralidade cotidianamente, encontrarem bons ouvintes dispostos a ouvir. Uma possibilidade seria narrar a trajetória do próprio curso a alguém disposto a ouvir. Convide a aprender com o que pode ser fabuloso, mas, sobretudo, no abraço à vulnerabilidade, aos tropeços, grandes professores da prática.

A sala destinada ao curso não tinha amplitude suficiente e assim fomos ao ar livre para realizarmos dinâmicas práticas, onde elas poderiam transitar por verdades, acusações, fábulas em intenções, gestos, olhares. Enfatizo a liberdade do trânsito, chamando estados de presença para operá-lo e, para tanto, realizamos um pequeno aquecimento com movimentos de espreguiçamentos, alongamentos, locuções. Já ali, de início, estranhamentos se juntaram a um prazer de estar entre mulheres, livres, assim, de julgamentos masculinos para os corpos femininos. Algo tão cotidiano para pessoas ligadas a práticas e estudos performativos, para algumas parecia um campo estrangeiro. Foi a partir daí que nos dirigimos à dinâmica que conheço como “assinatura corporal”. Ela tem um interesse particular para que cada integrante se apresentasse falando seu nome conjugado a uma assinatura-gesto em várias direções possíveis, desde um gesto aleatório, impulsivo, até algo que pudesse ser do interesse, ou revelasse uma característica, um medo, uma timidez, um desejo. Vetores se multiplicavam ali na roda, junto aos desvelamentos femininos. Surgiram danças, vontade de se esconder, afinidade com bebidas, cantos, flechas. Permanecendo na atmosfera de apresentação, busquei

2 Para seu desenvolvimento, foram consultadas duas versões em Machado (2004) e Tahan (1990). Em ambas as versões, com sua origem árabe sinalizada, a verdade decide entrar no palácio do sultão, na versão apresentada adaptei para o castelo do rei, sugestão análoga e mais próxima do imaginário das ouvintes.

ares de celebração ao trazer uma tradição popular do Sudeste: o jongo. Originário de uma região no assim denominado Vale do Paraíba, com várias complexidades, fios históricos de matrizes africanas, próprios de tantas manifestações populares; nesse caso, ficamos somente com um pulso de palmas, em que na cantiga selecionada se saudava:

Salva todo o povo que taí
Salva todo o povo que taí
Com chapéu na mão

Na repetição, o verso “com chapéu na mão” seria substituído por uma apresentação: “o meu nome é tal, ou “me chamo fulana”, tentando manter a célula rítmica da cantiga. Coletivamente nos saudamos, celebramos o coletivo em roda e retornamos à sala, retomando analogias entre pulsão rítmica e discurso. Uma jovem participante que realizou um gesto de timidez, escondendo-se com a mão no rosto na primeira dinâmica, cantou eloquentemente, na cadência, na segunda. Naquele então tudo era revelação: os passos que saíram da sala e retornaram, o sentar-se cansada, esgotada ou realizada. Mais que tudo eu me descobria professora de oratória trilhando construções e desconstruções. O nome próprio enquanto campo de partitura, ligado a gestos, ritmos, pulsões de uma roda ao ar livre, como que revelando flores e espinhos, que acompanhariam a jornada. Ressalto o desejo de celebrar presenças, de encontrar um compasso coletivo, de manter teso um arco rumo ao objetivo selado: o pertencimento. No instante da roda, no canto evocativo, sonhamos sua presentificação, enquanto grupo capaz de entoar presença. Sustentamos entre sombra e sol nosso efêmero encanto de suaves desabrochares, entre desconfiança, dúvida, busca de sentido. Parceiras igualmente relevantes em uma prática que pretende tensionar questões acerca da proposta do próprio curso, elucidando suas promessas ligadas a correntes empreendedoras, empoderamentos. A oratória pode tecer discursos, como pode decifrar seus engessamentos, suas capitalizações. Tão interessante quanto ter mulheres envolvidas com as propostas é desenvolver uma percepção questionadora, ao se permitir interrogações acerca daquilo que se ensina ali. De fato, ressoa na jornada? Pode emancipar? Sentidos, respostas e outras dúvidas a se desenharem nos arcos de tempo que atravessam as tardes da cidade de Batalha.

O retorno para a sala foi bem diferente nos dois grupos. Em um, o lado performativo permaneceu em uma dinâmica de duplas e o jogo do espelho. Nele, movimentos são espelhados, mediante uma escolha inicial: quem toma o papel da ação e quem espelha? Trocas subsequentes permeiam o jogo, em uma busca de sintonia, como se quem assistisse não soubesse dizer quem conduz, quem espelha. Em outro grupo, a opção foi por algo mais relaxante, dinâmicas de inspiração, expiração, pequenos movimentos na coluna, sentadas, em direção a sonoridades na expiração. A diferença de experiências tensiona o ponto principal que norteia o pensamento enfaticamente abordado: trânsitos entre construção ou desconstrução. A dinâmica do espelho estaria, assim, mais próxima do eixo de construção, do desenvolvimento de um

gesto elaborado, enquanto que as dinâmicas de respiração, como em um relaxamento, se aproximariam da desconstrução, visto que dialogam com um descontrole, um lado mais instintivo e intuitivo. Nos dois casos, é bastante visível nas duas turmas a presença de pessoas entregues à investigação, outras desconfiadas ou cansadas. O percurso não cuidará de eleger um lado no eixo apresentado, mas acerca da necessidade de circular por eles, como se mantivesse vivas nas integrantes as questões de caminhos possíveis para se atingir um estado de presença almejado, a comunicação e expressão viáveis, diálogos possíveis com palavras, gestos, ritmos fabulosos.

Ao final desse primeiro encontro, pedi que cada uma respondesse à questão: como eu saio desse encontro? Tentei abrir espaço a possíveis críticas, mas no geral um tom de agradecimento, de curiosidade vigorou deixando um lastro de expectativas. Há palavras sedentas para encontrar formas, há elaborações de porvir, uma presença afirmada da fé, messianismo que persiste em afirmar fertilidade em meio à aridez. Insisto em possibilidades de decifrações confrontando estigmas e incorrendo no risco de derrapar nas suas ciladas.

Entardecer

Há uma anedota descrita em um curso sistematizado sobre oratória que perpassa alguns dilemas abordados aqui, tensionando o vetor da “confirmação inevitável do artifício” explicitado anteriormente. Nela, Tísias conclui suas aulas de oratória e busca com as estratégias próprias da oratória escapar do pagamento:

Existe uma anedota sobre o aprendizado de Tísias. A história conta que Tísias se recusou a pagar as aulas ministradas pelo seu mestre Corax alegando que, se fora bem instruído pelo mestre, estava apto a convencê-lo de não cobrar. Se este não ficasse convencido, era porque o discípulo ainda não estava devidamente preparado, fato que o desobrigava de qualquer pagamento (Silva, 2012, p. 3).

Ela foi narrada brevemente, no segundo dia de aula, nas duas turmas, e logo em seguida ganhou voz outra história anedótica, como costumam ser histórias, que tem o emblemático personagem Nasrudin. Nela, parte-se da sua grande fama, que o faz ser chamado para falar diante de uma multidão atraída pelo seu prestígio. Diante da plateia ele pergunta: “Vocês sabem porque estou aqui?” A plateia responde negativamente em coro e ele decide ir embora, afirmando que haveria um despropósito da sua presença diante da negativa. Redirecionando rumos, decidem convidá-lo novamente e quando ele faz a mesma pergunta, respondem afirmativamente. Ele também vê um despropósito na afirmativa, já que não haveria sentido se já sabem a razão de sua presença. Com outra estratégia, no terceiro convite, diante da mesma questão, metade da plateia responde

“sim” e a outra metade “não”. No que Nasrudin responde: “Então a metade que sabe, explica para a que não sabe a razão da minha vinda”.

Nas duas rapsódias são evidenciadas artimanhas das palavras, a astúcia quase pândega de direcionar discursos. No gesto subterrâneo, desenhou-se um convite para a criticidade e a entrega aos jogos. Nasrudin, com frequência referido como um sábio tolo, desmascara engessamentos da racionalidade. Nessa corda bamba percorremos nosso trajeto.

Analogamente, na oficina vespertina, forjo metáforas para o entardecer, a despedida do Sol, quando a jornada se dirige ao fim, imagens que parecem propícias para poder, enquanto se navega nas possibilidades férteis da oratória, também evidenciar recursos da sua articulação. Persistindo nessa imagem, o amanhecer rumaria ao ápice, ao pino do meio-dia, que assim, nesse rastro, convergiria com discursos positivistas, totalizantes, messiânicos. Amanhecendo, estaríamos na direção possivelmente projetada: um empoderamento, onde todas sairiam eloquentes, capazes de tecer discursos perspicazes, persuasivos, entusiasmados. Gestos assertivos, olhares direcionados, o equilíbrio espetacular na corda bamba. Em algum lugar tangemos essas possibilidades, avistamos suas tramas e nos projetamos ali, heroínas de nossas próprias jornadas. No nosso entardecer rumo ao pertencimento, abraçamos nossas fissuras, vulnerabilidades, desequilíbrios, discursos mudos, mais tecedores de escutatórias que oratórias.

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória.

Todo mundo quer aprender a falar... Ninguém quer aprender a ouvir.

Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil.

Diz Alberto Caeiro que... Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores.

É preciso também não ter filosofia nenhuma.
(Alves, 1999, p. 65).

Teci com elas escutatórias e percebi que também entardecí como professora, repactuei temporalidades, metodologias e conteúdos. Dilatamos as propostas, sem ânsia de darmos conta de planejamentos calculados que descartavam a preciosidade de encontros e presenças, que se desabrochavam no estranhamento de dinâmicas, que, enfato, podem ser absolutamente banais a quem já tem alguma prática com jogos teatrais. Espreguiçar-se ou bocejar em roda ganhou ares de grandes aventuras, eu observava pés com um inchaço que desafiava meus cálculos de equilíbrio e, ainda

assim, sorrisos se abriam sorrateiros diante do espanto de pertencer a uma roda e sonar vogais bocejadas.

Retornando à segunda aula, à semelhança do primeiro encontro foram testadas diferentes propostas. Enquanto que com a primeira turma várias dinâmicas foram testadas, com a segunda, que acontecia no segundo horário, o processo foi alongado, as histórias foram reagidas, e as reações foram convidadas a tomarem à frente do que se pretendia em sala de aula como uma arena, um laboratório vivo, de testar discursos. Da expressão dilatada.

Com as duas turmas, em roda e posterior a um breve aquecimento espreguiçado, pés enraizados, quadris rodopiados, realizei um jogo, que me acompanha com muita frequência, ao qual atribuo o nome genérico de “Pá, Zip, Toim”. O nome revela sons vocalizados, com respectivos gestos que determinam um movimento na roda. A passagem de foco, para quem recebe o gesto, acompanhado do som e o transmite subsequentemente. Buscamos, assim, estabelecer um ritmo, um estado de presença coletivo, que sustenta o jogo, tal como uma música composta na improvisação da dinâmica. Metáforas com a elaboração do discurso foram tecidas, enquanto várias se mostraram surpreendidas com a possibilidade de jogar como crianças. O “pá” e o “zip” tem movimentos diretos, rápidos, realizados sobretudo com os braços, sem sinuosidades. Já o “toim” sugere uma ondulação com todo o corpo, especialmente o tronco. Ele foi enfaticamente erotizado na roda.

No entardecer, o sol se encaminha para a segunda metade do dia. A partir do terceiro encontro, nossos encontros também se encaminham para sua segunda metade. A oratória entardece e confirma sua face vespertina. Eu a comunico e confirmo: não garanto em quatro encontros transformar uma pessoa em uma grande oradora. Nem mesmo eu me vejo assim. Mas junto daquelas turmas, amanheci professora de oratória e trato de desvendar essa face. Enquanto o Sol se despede, jogamos, verificamos se chaves se constituirão rumo à busca de uma expressão corporal e verbal habitada, morada de expressão. Não haveria meios de verificar a elaboração de grandes discursos com mais de 30 participantes nas turmas, nos dirigimos assim à síntese. Nessa segunda metade, a diversidade da turma se apresentou de forma mais radical, sobretudo na experimentação de dinâmicas, quando o repetir de uma frase dada para algumas se mostrava um grande desafio, outras, demonstraram nuances, intenções, pausa e ritmos refinados.

Para a liberação da vocalização, sonorização, o entardecer trouxe atitudes meditativas, tentativas de captar canais acústicos associados a estados de introspecção, associados a jogos de associação de ideias, ritmos e fluências. A ênfase entre o uso da segunda e a terceira pessoa ao dirigir-se à interlocutora, demonstrando diversos graus de compreensão. Para a locução de frases, foi sugerido um trabalho com provérbios: quase micronarrativas, que foram coletadas coletivamente, afirmando e estranhando suas possibilidades e mensagens implícitas. Foi sugerido um jogo em que intenções foram

sorteadas e a partir daí cada participante deveria se levantar na roda e dirigir-se a uma interlocutora específica, escolhida aleatoriamente. Provérbios bíblicos afloravam-se, descortinando uma face messiânica presente. “A César o que é de César”. Imperadores romanos são evocados e estranhados entre Marechais e Batalhas do sertão.

Revelo então que, ainda que o sertão seja agora campo de trabalho, a morada se encontra no agreste em uma cidade maior, com mais estrutura. O trajeto entre sertão e agreste se tornou, assim, recorrente. Foi observando a paisagem do sertão, rumo ao agreste, que várias rumações aqui descritas foram ganhando forma. O sol se punha e a lembrança de uma mulher recitando, falando, descortinando, relembando “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Rindo, estranhando, debochando, gaguejando, desconfiando “Água mole, em terra dura, tanto bate até que fura”. A diversidade de ações intencionais ou escapadas propunham um mosaico de possibilidade que em roda foram experimentadas. “Uma andorinha só, não faz verão”. Um prazer sorrateiro de experimentar e apreciar foi se manifestando. “Um dia é dia da caça, o outro, do caçador”. O lúdico na sua forma pura, inclusive, na tentativa de se esconder, quando uma face quase infantil se amostrava, será que não fui ainda e serei descoberta? “O que os olhos não veem o coração não sente”. Uma preguiça de ir, acompanhada de uma satisfação de vencê-la foi o que a roda de avaliação final, no geral, revelava. “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”. Uma esperança qualquer de testar novos padrões, outros jeitos de habitar o corpo, a voz, o gesto e credibilizar o trânsito, os testes. Encontrar qualquer prazer em operá-los. “O hábito faz o monge”. A eloquência e assertividade pode maquiari tudo de verdade absoluta e ainda assim, em meio a potências recém-descobertas, urge com a mesma ênfase operar criticidades. “Em briga de marido em mulher, ninguém mete a colher”. Olhares cúmplices revelam que durante muito tempo não se metia colher. O provérbio parecia decretar lei e cicatrizes denunciaram traumas que clamam por revisão, atualização e, portanto, outras entonações e gestos para a pronúncia: interrogação, pavor, denúncia, ironia. Expandir o repertório de intenções como agente transformador de realidades compactuadas. Quem sabe, reescrever leis e provérbios para que águas passadas possam mover moinhos.

Os discursos começavam a se aflorar, mesmo que maquiados de um positivismo pré-fabricado, acompanhados de crenças moldadas na expectativa de um paraíso, que nunca foi promessa em nossa prática. Ainda assim, um prazer inesperado de jogar, de ser capaz de tecer um discurso mobilizador se desenhava, na multiplicidade de intenções. A paisagem do sertão paradoxalmente dourava e escurecia atrás de mim, assim como a lembrança de pausas-olhares intencionados criando frestas, tal qual solo rachado a revelar um sertão misterioso e feminino de fendas não classificadas, esquecidas. Várias permaneceram a me encarar como esfinge sudestina, de falas e propostas não assentadas na razão, mas que sugeriam contornos misteriosos em uma fala e em gestos cada vez mais incorporados. Percorremos essas sabedorias com liberdade de multiplicar intenções. Permitir alianças com as dúvidas, questionando perspectivas assertivas

associadas à oratória, deixando arestas pra a subjetividade, remodelando associações de gêneros e discursos.

Assim já se pode intuir a formação de uma percepção sexuada da fala pública, cujo destino será longo e consistente: nela contrapõem-se a força viril do orador que fala e vence o tumulto dos auditórios e a passividade feminina sob a forma cômoda do silêncio; contrastam-se a virtude masculina da coragem exigida pela parrésia e o vício feminino da bajulação e do eufemismo; demarcam-se, finalmente, o ideal masculino da voz, que se assentaria na harmonia firme e viril da fala e que remonta à força dos gritos de guerra e caça, e a feminidade sedutora do canto, no qual ecoariam a melodia de ninfas e sereias (Courtine; Piovezani, 2015, p. 17).

A possível comodidade do silêncio e passividade, naquele caso, revelou-se resignação diante de condições radicais. Gestos e falas, quadris e serpenteares podem encontrar seu fluxo com graça e refazer paradigmas, sem necessidade de simulacros de virilidades.

Anoitecer

Para a derradeira aula, recorri novamente a minha face oradora mais recorrente e vesti a contadora de histórias, para duas narrativas. Convoquei percepções atentas ao interesse e desinteresse que cada uma das possibilidades suscitava. Transitei entre infâncias e amadurecimentos nas narrativas selecionadas, já que ambas propunham diálogos intergeracionais. Na primeira, “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, a partir da obra homônima de Mem Fox, um menino mora ao lado de um asilo e estabelece uma relação de amizade com vários de seus moradores, especialmente com Dona Antônia Maria Diniz Cordeiro, com um nome tão grande como o seu. Em uma conversa com os pais, descobre que ela está perdendo a memória e enuncia a pergunta que permeará a narrativa e o nosso derradeiro encontro: “o que é memória?” ganha respostas diferentes, de diversas pessoas, sempre sintéticas: “algo quente”, “algo que faz chorar”, “algo que faz rir”. Guilherme vai em busca de objetos que correspondam às diferentes definições e os coloca em uma cesta. Ele a presenteia à amiga, que ao recebê-los, tem diversas memórias desencadeadas.

Na segunda história, “A Velhinha que dava nome às coisas”, a partir da obra de Cynthia Rylant, uma anciã que já perdeu todas as pessoas queridas dá nome a coisas que tem certeza que durará mais do que ela, amedrontada com a possibilidade de romper mais um vínculo. O carro vira “Belo”, a casa, “Glória”, a poltrona, “Frida”, e por aí segue. Um cachorro aparece no portão, ela tenta mandá-lo para longe, mas lhe dá um pedaço de carne e, assim, ele aparece todas as tardes sem que ela lhe dê um nome,

ato que atestaria um vínculo, fator de medo, pela possibilidade de ele morrer antes dela. Uma tarde ele não aparece e ela fica preocupada. Descobre o peso da ausência e trilha uma jornada para recuperá-lo em um canil, onde corajosamente o nomeia “Sortudo”, pensando na sua própria trajetória de sorte.

As duas narrativas sugeriram um trajeto para a elaboração de um depoimento, discurso, fala final. Uma possível articulação que poderia ser livre, ter outros temas, mas a memória foi celebrada e sugerida a partir das narrativas, enquanto um eixo aparentemente possível, democrático. Também como um rastro de semear lembranças para os encontros vivenciados no curso, celebrando-os e plantando saudades, uma quimera ritualizada nas nossas tardes. Um trajeto possível seria preencher as lacunas: “A memória é _____ como _____. Uma memória preciosa que eu guardo: _____.” “Eu dou o nome de _____ a _____ porque _____.” Explícito didaticamente, tal como foi realizado no curso, dada a dificuldade de várias participantes, de se perceberem diante de um grande desafio de exposição. Ainda que a continuidade do curso tenha seguido pegadas relativamente graduais, com vocalizações que partiram do próprio nome, passaram por um provérbio e agora requeriam uma forma mais autoral, para algumas, a elaboração de um discurso, mesmo com pegadas tão sinalizadas, representou algo impensável. Foi colocado que se algumas quisessem escrever e ler, poderia ser uma possibilidade. De fato, algumas assim o fizeram.

Muitas infâncias e maternidades foram reveladas. Destaco a parlenda na epígrafe do artigo, lembrada com risadas, ainda que traga algo que remeta a uma face estereotipada que associa o sertão à escassez. Em outro depoimento também associado às dificuldades nutricionais da infância, revela que para as novas gerações tudo está mais fácil, em comparação ao passado. Hoje não há necessidade de coletar insetos para compor a alimentação e, ainda assim, um certo desinteresse e valorização. O rio Ipanema, que corta a cidade, em seus momentos de cheia e seca também permeou algumas falas. Lembranças de ausência de energia e gás, de sentar na calçada, olhar para as estrelas e projetar sonhos. Narrativas pareciam começar a se amostrar. Ousadias de fabulação plantadas foram sutilmente afloradas. Uma participante revelou que todos os dias fugia de casa. Outra, sobre uma amiga que sempre escolhia o caminho e que para isso até batia a cabeça na parede, como estratégia de convencimento. Gestos eloquentes compunham o discurso. Muitas vezes carregados de emoção, com escolha de termos que evocam sensações: “Minhas condições financeiras não empacaram de ser amada por pai e mãe”. Outra participante navegou por várias temporalidades e lançou perspectivas para várias delas: um irmão com menos de um ano de diferença que nasceu e fez com que ela fosse deixada com a avó, quando o resto da família migrou para o Pernambuco. Todos os anos ela ia visitar os pais e percebia uma situação mais escassa em que seus irmãos trabalhavam na roça desde cedo e ela se sentia privilegiada, ainda revendo vários paradoxos dessa posição.

Muitas histórias trágicas vestiram a sala com um viés de confissão e cumplicidade

e ainda que não tivéssemos chaves de acolhimento embasado psicologicamente, a organização e o compartilhamento de um discurso desnudaram a confiança semeada. Curioso perceber a diferença entre aquelas com bastante facilidade, que gostaram de estar ali, na frente, dividindo, e outras, que fizeram de tudo para se esconder. No meu papel, incentivei com ênfase e não houve uma que não tecesse palavras. Uma delas, uma senhora, demorou, quase não foi e fez todos rirem com histórias simples, mas contadas com a eloquência de uma rapsoda que transita com facilidade pela comédia. O prazer de promover gargalhadas foi revelado.

Eu fui tecendo meu recente sertão com famílias, bichos, tragédias e risos. Muitas superações. E mais que tudo: prosódias surpreendentes para quem convive com economias sudestinas. Lembrei da canção de Caetano Veloso e Gilberto Gil, imortalizada na voz de Luiz Gonzaga, dos mais conhecidos rapsodos do sertão, que relata a sua partida jovem de casa:

No dia em que vim-me embora
Minha mãe chorava em ai
Minha irmã chorava em ui
E eu nem olhava pra trás
(Veloso; Gil, 1968)

São muitos sertões entre o Exu de Pernambuco (terra natal de Gonzagão) e Batalha em Alagoas, mas escutar as histórias foi tecer elos e navegar por esses sons que assim escritos dizem tão pouco, mas soprados sacodem, dimensionam, convidam a gestos inesperados por temporalidades, sentimentos. Eu escutava e praticava a clássica postura de pesquisadora que segue anotando. Imaginei um retorno com tantas histórias a serem transcritas, analisadas, dissecadas para análises auspiciosas, quiçá mirabolantes. Mas fui constatando a inoperância do papel, que não dá vida aos “ai” e “ui”. Só quem tem acesso, memória à voz cantante pode traduzi-los e ressoá-los, ainda que análises diante deles possam derrapar em ainda mais insipidez. A prosódia naquele instante traduziu a presença e o pertencimento almejados, inefáveis às palavras.

Eternidade enquanto drible à conclusão

Com a prosódia finalizo as palavras percebendo os encontros enquanto mosaico de exortação à resistência, no conteúdo e na forma. De ler e improvisar. Testar olhares. Negociar possibilidades. Não ir adiante, testar posições. Olhares duvidosos que permaneceram até o fim. A aliteração que esteve presente no jongo inicial, nos provérbios, apareceu ali também na tanajura eleita para abrir e finalizar essas palavras que se pretendem caleidoscópios de experiências sertanejas, femininas, vespertinas.

Todas elas lidas, atravessadas e refletidas por sentidos sudestinos. Falíveis, portanto, de ceder às ciladas das estigmatizações de sentidos direcionados ao sertão. Exponho a tanajura, que na parlenda trouxe risadas, sem romantizar a escassez, mas fazendo da memória lugar de morada para os diversos ângulos da tanajura, do rio Ipanema e do Sol que se despede e convoca olhares para o céu tecedores de sentido. Que possam ser comunicados, elucidados e credibilizados.

A evocação da tanajura abriu portais para conexão e tradução de “ai” e “ui” entoados na voz de Luiz Gonzaga, atribuídos a seus pais. Ali percebi o germinar de prosódias que fazem territórios entrar em erupção, revelam peculiaridades e reinscrevem circuitos entre palavras e sentidos, onde ênfases, pausas, redesenham significantes. Seriam estratégias de sobrevivência a evocar fertilidade, chuva pelos entremeios do que João Cabral de Melo Neto denominou “educação pela pedra”? Frequentei sua concretude e encontrei pegadas para percorrer dilemas aqui rascunhados, para poder tecer discursos e silêncios e ser entranhada pelas suas possíveis contundências e vazios.

No Sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse, não ensinaria nada;
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
Uma pedra de nascença, entranha a alma.
(Melo Neto, 1997, p. 7)

Referências

- ALVES, Rubem. Escutatória. In: ALVES, Rubem. O amor que acende a lua. Campinas: Papirus, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Programa Mulheres Mil. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/mulheres-mil>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos. Por uma arqueologia dos poderes e perigos da fala pública. In: COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos (Org.). História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis: Vozes, 2015. p. x-x.
- FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Tradução Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque Book, 1995.
- MACHADO, Regina. O violino cigano e outros contos de mulheres sábias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MELO NETO, João Cabral. A educação pela pedra e depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- RYLANT, Cynthia. A velhinha que dava nome às coisas. Tradução Gilda de Aquino. Brinque

Book, São Paulo, 2002.

SILVA, Henrique Souza. Curso de Oratória: a arte de falar em público ou a habilidade em falar em público. Fortaleza: Consulpam, 2012.

SOUZA, Josy Dayanny Alves. O sertão como lugar de narrativas de mulheres e o pensamento feminista negro como prática dialógica. *Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 6, n. 16, p. 182-191, 2019.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A retórica no Brasil do século XIX: dos anos de glória à perdição. In: COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos (Org.). *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis, Vozes, 2015. p. 185-201.

TAHAN, Malba. *Minha vida querida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. No dia em que vim-me embora. In: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Phillips, 1968.

Recebido em 01/04/2025

Versão final reapresentada em 21/06/2025

Aprovado em 14/07/2025

Fonte de financiamento: nada a declarar

Conflito de interesses: nada a declarar